



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES –
DLLART II
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO -
APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

ADRIANO ARAÚJO DOS SANTOS

**(AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

**ALAGOINHAS
2023**

ADRIANO ARAÚJO DOS SANTOS

**(AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Artigo TCC, apresentado ao Programa de Pós-graduação Lato Senu Especialização em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Departamento de Linguística, Literatura e Artes – DLLART II, – Alagoinhas - BA.

Orientador: Prof. Dr. Adilson da Silva Correia.

**ALAGOINHAS
2023**

ADRIANO ARAÚJO DOS SANTOS

**(AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA**

Artigo TCC, apresentado ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu Especialização em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras – Departamento de Linguística, Literatura e Artes – DLLART II, – Alagoinhas – BA, como parte das exigências para obtenção do título de pós-graduado.

Aprovado em: 13 de Julho de 2023.

Banca examinadora

Prof. Dr. Adilson da Silva Correia (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Risonete Lima de Almeida.
Membro - Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Bárbara Cristina dos Santos Carneiro.
Membro - Universidade do Estado da Bahia

“The more you know yourself, the more clarity there is. Self-knowledge has no end – you don’t achieve, you don’t come to a conclusion. It is an endless river”.

Krishnamurti, The First and Last Freedom | [Purchase](#)

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	08
2. INGLÊS MODERNO.....	11
3.METODOLOGIA DA PESQUISA.....	13
4.RESULTADO DA PESQUISA	15
5.CONCLUSÃO	21
6.REFERÊNCIAS.....	24
APÊNDICES	

(AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Adriano Araújo dos Santos ¹

Adilson da Silva Correia ²

RESUMO

O presente artigo apresenta uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa com observação periférica, que toma como objetivo o estudo sobre a percepção e autopercepção dos aprendizes na aquisição da Língua Inglesa ao serem inseridos em um contexto, onde os falantes não nativos usam a língua estrangeira como se sua fosse, com o objetivo de se comunicar, autoperceber-se como falantes de Língua Inglesa, com os seus sotaques e jeitos de falar, valorizando suas experiências linguísticas na aquisição de outro idioma, e como é a relação do ensino-aprendizagem com a afetividade. O contexto da pesquisa é a turma de beginner 02, do curso de Inglês online da English In Action. Os instrumentos para a geração de dados foram: Um questionário misto, o qual permitiu que os aprendizes se expressassem através da escrita e respostas objetivas, e as anotações durante as observações das aulas, ajudando a entender melhor como eles se vêm dentro desse processo de aquisição de uma língua estrangeira e como essa autopercepção e a afetividade contribuem nesse processo.

Keywords: Percepção. Autopercepção. Ensino-Aprendizagem. Língua Inglesa.

ABSTRACT

This article presents field research and a qualitative approach with participatory observation, which has as its aim a study on the perception and self-perception of learners in the acquisition of the English language when they are inserted In a context, where non-native speakers use the foreign language as yours, with the aim of communicating, self-perceiving as an English speaker, with your accent and way of speaking, valuing their linguistic experiences in the acquisition of another language. And how is the relationship between teaching-learning and affectivity. The context of the research is the beginner 02, from the online English course at English In Action,

The instrument for data generation were: A mixed questionnaire, which allowed students express themselves through writing and objective answers, and notes from the classes observations, that helped to better understand how they see themselves in this language acquisition process, and how this self-perception and affectivity contribute to this process.

Keywords: Perception. Self-perception. Teaching-Learning. English Language.

1. INTRODUÇÃO

Por ser a língua mais utilizada do mundo, seja para qualificação profissional, seja para viajar ou fazer amizade, o Inglês deixou de ser uma língua estrangeira para ser Língua franca, pois “apesar de ser bem aceito por alguns e condenado por outros, não pode ser negado que o inglês funciona com uma língua franca global” (SEIDLHOFER, 2005, p. 339), por essa razão, muita gente começa estudar Inglês, mas, na maioria das vezes, desiste por vários motivos e um deles, pode ser por pensar que não é capaz de aprendê-lo. Por conta desse fundamento, fizemos uma pesquisa de campo com o foco principal de compreender como o aprendiz se percebe e percebe o outro no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

O interesse por esse estudo surgiu das minhas próprias experiências como aprendiz de Inglês como Língua Franca (ILF), como **host family**, das minhas viagens para outros países, em que pude vivenciar o uso do inglês em situações cotidianas de interação linguística, e das minhas experiências docentes. Nas viagens, em conversa com pessoas de outros países, percebi os diversos sotaques, alguns bem distantes dos padrões do inglês norte-Americano e britânico, não obstante, a comunicação em inglês acontecia, ou seja, não foi preciso imitar um americano ou britânico para entender e ser entendido, conforme aprendera em cursos de inglês.

Outra situação que me levou a estudar a percepção e autopercepção, no processo de ensino-aprendizagem de Inglês, foi o entendimento da valorização da cultura linguística do aprendiz em detrimento da cultura da língua estrangeira. Como essa conscientização geralmente não acontece, o aprendiz que tem dificuldade em pronunciar as palavras em Inglês, é conduzido a reproduzir que o inglês é difícil e, por isso, falá-lo é impossível visto que o sentimento de fracasso e frustração parece estar internalizado. Como diz Corredera Martos, 2006, p. 48-49, “Os fatores psicológicos desempenham um papel importante no sucesso de um aluno, na aquisição e uso de uma segunda língua”. Pois cada um carrega características diferentes e resolve problemas de diversas formas, em um estilo único e pessoal. Sendo assim, ao passo que o aprendiz vai aprendendo e dominando o idioma é criado uma resposta positiva emocional neles: Prazer, orgulho etc. Essa afetividade e emoção é o meio pelo qual os indivíduos tomam consciência de seu ambiente, respondendo positivamente e despertando outros sentimentos, como: a auto confiança, a qual gira em torno de como ela se sente, a motivação, o que podemos chamar de

impulso, o desejo que leva alguém a agir de determinada maneira, a ansiedade, que é um sentimento de pressão, por querer algo de forma instantânea, as atitudes, desempenham um papel crítico na aprendizagem de uma segunda língua, como: atitudes relacionadas a si mesmo e ao idioma alvo e as pessoas que falam Inglês e a empatia, é a capacidade de compartilhar sentimentos e se colocar no lugar do outro, uma conexão de si com os outros ao aprender uma segunda língua, os ouvintes devem compreender as intenções e emoções de quem fala.

Com isso, comecei a me perguntar: O ensino do inglês como variantes britânico e norte americano, como modelo de língua, atrapalha o aprendizado? A valorização da experiência linguística do aprendiz, na sala de aula, é um start para despertar o autoconhecimento e a autopercepção de pertencimento à língua inglesa, tornando prazeroso o processo de ensino-aprendizagem?

Todos os cursos por que passei, seja como aluno, seja como professor, tentaram padronizar o inglês, fazendo com que o pronunciássemos com a variante do inglês americano ou britânico. Entretanto, no curso de Inglês chamado *In Action*, observei diferença que me levou a atentar sobre a metodologia e o material ali usado. Nele, o professor fica livre no uso do inglês, na comunicação, sem se preocupar com padrões de pronúncia. Todavia, precisam assistir aulas do nível que vai ensinar a fim de aprender sobre a dinâmica e metodologia do curso.

O material usado, no curso, é *slide* criado e padronizado pelos próprios docentes e o livro de atividades é o **World English** da **National Geographic**, o qual tem vários recortes de reportagens com falantes de inglês do mundo inteiro, com o objetivo de que o aprendiz perceba que o inglês é mundial e não somente norte americano ou britânico e pode ser falado, levando em consideração a experiência linguística de cada um. Sobre isso, Travaglia (2000, p. 23) nos ensina que:

O que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Essa concepção de Travaglia (2000) se relaciona à percepção e autopercepção do aprendiz, no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, podendo gerar a valorização do

conhecimento da língua estrangeira no momento em que se percebe que esta pode ser pronunciada não obstante o conhecimento da língua nativa e certamente esse processo se vincula à noção de Língua Franca, pois, como diz SEIDLHOFER, (2011, P.77), o inglês como Língua Franca deveria ser “funcionalmente e não formalmente definido, [já que] não se trata de uma variedade de inglês, mas sim de uma maneira variável de usá-lo”.

Sendo assim, o que define a Língua Franca é as múltiplas formas de usar o inglês incluindo as diversas culturas linguísticas nas situações comunicativas, o que traria mais conforto para o aprendiz. Com fundamento em Krashen (1982), verificamos que a afetividade, no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, está diretamente ligada ao sucesso ou fracasso na aquisição da língua.

Segundo Krashen (1982), a falta de confiança, desmotivação, aumento da ansiedade e baixa autoestima influenciam negativamente o aprendizado, compondo o filtro afetivo. Esse filtro têm três variáveis: motivação, confiança e ansiedade as quais podem ocorrer individualmente ou em grupo, conforme abaixo descritas:

(1) Motivação. Aprendizes com muita motivação geralmente se saem melhor na aquisição da segunda língua.

(2) Auto confiança. Aprendizes com auto confiança e boa autoimagem tendem a se saírem melhor na aquisição da segunda língua.

(3) Ansiedade. Baixa ansiedade parece conduzir à aquisição de uma segunda língua, seja medido como ansiedade pessoal da sala de aula.

Desta forma, o aprendiz motivado, auto confiante e com baixa ansiedade poderá ter maior participação e interação usando a língua alvo, sentir menos vergonha e medo de errar, ver-se como aprendiz e estar consciente de que a fluência chegará com o tempo.

Por isso, o conhecimento linguístico do aprendiz precisa ser valorizado, na sala de aula, como forma de melhorar a autoconfiança, diminuir a ansiedade, percebendo-se falantes da língua inglesa, compartilhada por pessoas do mundo inteiro, sem a necessidade de imitar sons pronunciados por falantes nativos, pois o objetivo de qualquer idioma é a interação entre povos.

Para Prabhu 1990, p. 162, o contexto do aluno é muito importante na aquisição de uma LE ou L2, pois os fatores econômicos, política linguística, situação social, ideologias, atitudes culturais e linguística, ambiente linguísticos, objetivos, idade, aspirações, experiências de aprendizagem prévia e atitudes relacionados a aprendizagem, influenciam muito nesse processo.

Isso é ratificado por Kumaravadivelu (1994), o qual além de reforçar os fatores influenciáveis no aprendizado de um idioma, citado por Prabhu, ele também sugere que a língua com variação padrão não deve ser ensinado como a melhor variante e sim com uma maior valorização social. O que significa dizer que a comunicação é mais importante, e que a valorização de um padrão de língua é uma questão social, porém, dependendo do objetivo do aprendiz, visto que ainda há uma maior valorização social de determinada variante no idioma.

2. INGLÊS MODERNO

Em 1620, os ingleses sofriam perseguições religiosas e passavam dificuldades financeiras, com isso eles fugiram para a América do Norte com a esperança de encontrar liberdade religiosa. A migração desse povo marcou o início da língua inglesa no novo Mundo. Em 1776, na independência dos Estados Unidos, a variante do inglês norte-americano já estava distinto em relação à da Inglaterra. Porém, nos dias atuais as diferenças são básicas: pronúncia e pequenas diferenças no vocabulário. Com o passar do tempo, crescimento do Império Britânico, nos séculos 18, 19 e 20, a revolução Industrial, a expansão do colonialismo britânico e muita influência política e econômica, a Inglaterra atingindo seu ponto mais alto na primeira metade do século 20 e ficou conhecida como **“The Empire where the sun never sets”** por causa da grande abrangência geográfica, provocando uma vasta disseminação da língua inglesa. Porém, em meado do século XX, após a Segunda guerra mundial, os Estados Unidos se tornaram uma superpotência Mundial, por causa do poder político-militar e as influências econômica e cultural, solidificando o inglês na posição de padrão das comunicações internacionais. Na mesma época, houve o desenvolvimento tecnológico de telecomunicações e transportes aéreos, que ficou conhecida como **“information superhighway e global village”**, caracterizando um mundo no qual uma linguagem comum de comunicação é imprescindível. Portanto, o Inglês foi adotado como língua franca para evitar as dificuldades políticas inerentes à promoção de qualquer língua acima das outras.

Diante disso, com o uso da língua inglesa por povos do mundo inteiro, com suas crenças e culturas diversas falando a mesma língua, é imprescindível o neologismo e a variação linguística, visto que foneticamente falando, o inglês tem sons que em outras línguas não têm, e com isso torna-se mais difícil a pronúncia de algumas palavras, além da disseminação da língua e culturas

por todo o mundo, através dos avanços tecnológicos, os quais tornaram possível a conexão com o mundo em uma velocidade jamais vista.

À vista disso, os cidadãos mundiais estão falando e aprendendo um inglês bem distante do dito “Inglês britânico ou Americano”. Por essa razão, o mundo está menos focado no inglês padrão. Na hora de contratar, os patrões não ficam impressionados se você fala como nativo, e sim querem saber se você sabe usar o inglês como instrumento de trabalho. Até porque, em muitos casos, o diálogo será entre pessoas que não têm o inglês como língua materna.

Portanto, a sociedade já não é mais dividida pela forma de falar, pois, o importante é entender e ser entendido em uma comunicação. George Bernard Shaw na peça "**Pygmalion**", a qual foi um sucesso em 1912, deu origem ao filme "**My Fair Lady**", o qual foi estreado em 1938 e caracteriza uma nova forma de falar inglês. A história tem como trama a transformação forçada da maneira de falar "**cockney**" (Londrino) de uma vendedora de flores, Eliza Doolittle, no mais requintado inglês das classes. Dessa forma, o jeito "**cockney**" de falar foi incorporado. A linguagem não pode ser mantida num estado de pureza artificial, pois a língua é viva e se modifica com o passar do tempo. A pureza do sotaque refinado da classe alta que era apreciada pela cultura britânica são reconhecidas nos dramas de televisão como: *Downton Abbey*. O fato de a rainha não falar mais o **Queen's English**, também influenciou o povo a falar um inglês misto “operários e das “elites”.

Segundo Jonnie Robinson, linguista da **British Library**, o dicionário de Samuel Johnson, que foi publicado em 1755, não tinha a pronúncia das palavras, pois ele pensava que não tinha consenso sobre a forma mais correta de articular palavras. Porém, a BBC lançou um padrão oficial de pronúncia a "**Received Pronunciation**" e se tornou a voz de todo o Reino Unido. O sotaque se tornou uma maneira de que alguém herdou muito dinheiro em vez de trabalhar para construí-lo. A escritora Nancy Mitford disse ironicamente que “a linguagem distingue as classes mais altas, já que eles não são mais limpos, ricos ou mais educados que os outros”. A princesa Kate Middleton, a noiva do príncipe William, falava com um sotaque mais sofisticado que o do Príncipe, talvez pela pressão psicológica de não ter sangue azul e entrar para a família real.

De acordo com Harrington (2016), a monarca adquiriu sotaques de classe média, algumas palavras ditas pela rainha Elizabeth II tem o mesmo sotaque da cantora Adelle. De acordo com Harrington a arte da conversação pode ser explicada na psicologia direcionada ao tema. Para

estabelecer uma conexão com o interlocutor, as pessoas tendem a emitir sotaques com o objetivo de entender melhor o que os outros estão dizendo.

3. METODOLOGIA

O artigo tem como modalidade a pesquisa de **campo e abordagem qualitativa com observação periférica**, pois tem muitos benefícios; pode satisfazer a curiosidade e desejo pelo conhecimento das pessoas na sociedade, incentivando-as a pesquisar mais e resolver problemas, assim contribuindo para a ciência. Segundo **Rampazzo (2004, p. 58)**, a pesquisa “[...] qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados.” Além disso, a credibilidade da pesquisa é muito importante e definida por processos metodológicos e fontes usadas para estabelecer um alto nível de harmonia entre as expressões dos participantes e interpretação dos pesquisadores, pois a pesquisa precisa fazer sentido para os participantes e leitores. **(GIVEN, (2008, p.59; 138)**.

Sendo assim, para que fossem desenvolvidos os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa, resolvemos dividir o estudo em duas etapas. A primeira etapa do trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica com leitura de livros de teóricos, artigos, dissertações e teses, uma vez que, de acordo com **Carvalho (2000)**, a pesquisa bibliográfica é uma ferramenta que possibilita localizar e consultar diversas fontes de informações escritas, com o intuito de realizar a coleta de dados gerais ou específicos sobre um determinado tema. Já, na segunda etapa, realizou-se a pesquisa de campo que consistiu na coleta de dados gerados pelas observações indiretas em 09 (nove) encontros, equivalentes a 18 (dezoito) aulas no modelo virtual sem interferências do observador. Com essas observações, foram feitas as anotações necessárias, bem como as análises para a construção e conclusão da pesquisa. Também foi feito um estudo mais aprofundado sobre a percepção e autopercepção dos aprendizes na aquisição da Língua Inglesa em que os falantes não nativos valorizam mais a comunicação que o padrão de pronúncia perfeita, com o objetivo de se comunicar e se autoperceber como falante de Língua Inglesa, incluindo o seu sotaque e jeito de falar único.

No que diz respeito a coleta de dados, recorreu-se a recursos didáticos, tais como: internet, fone e laptop, com o propósito de enriquecer as práticas da pesquisa e possibilitar o alcance de

todos os envolvidos durante e após as aulas, e como instrumento de coleta de dados, foi feito um questionário misto on-line, feito no Google Forms, por ser um ótimo coletor de dados, e não precisar da presença do entrevistador. Assim, os entrevistados tiveram mais tempo para respondê-lo de acordo com os horários favoráveis para cada um.

Com isso, tive a oportunidade de colher respostas espontâneas, com linguagens próprias, além de abranger uma maior área geográfica, visto que alguns participantes não são de Salvador, além de eliminar possíveis influências do entrevistador. As perguntas foram simples, mistas (objetivas e discursivas), de forma concreta e precisa, sem perguntas sugestivas ou indiscretas, o questionário misto se encontra no apêndice A.

O questionário citado acima foi enviado para os 07 (sete) alunos do nível iniciante 02 (Intro 02) do curso online English In Action, os quais foram os participantes da pesquisa. Na primeira aula, a professora me apresentou a eles e me deu alguns minutos para falar sobre a pesquisa, todos concordaram com a minha presença, pois eu não interferia nas aulas, era como se eu não estivesse lá, toda vez que eu entrava na aula ficava com a câmera e áudios desligados para que os alunos esquecessem que estavam sendo observados.

No final da terceira aula, pedi o e-mail dos estudantes para enviar o termo de consentimento e o questionário misto para aqueles que tivessem interesse de participar. Deixei claro a não obrigação de participação na pesquisa. Dos 07 (sete) aprendizes, 03 (três) resolveram assinar e responderam o questionário, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa, visto que além das observações, pude fazer análises através das respostas de cada participante.

Ao falar do questionário e a não obrigatoriedade de participar da pesquisa, não poderia deixar de citar a ética, a qual tem causado muitas discussões e preocupações entre pesquisadores. Nos dias atuais, esse tema tem sido abordado em muitas pesquisas científicas. A ética é muito importante no desenvolvimento de uma pesquisa, pois tem o papel de padronizar e formalizar o conhecimento sobre o assunto em questão, assegurar que as pessoas envolvidas não sejam prejudicadas ou sofram consequências causadas pelo processo investigativo (COOPER; SCHINDLER, 2003, p.02).

Sendo assim, é necessária fazer uma reflexão sobre leis, valores e normas, as quais norteiam a ética e guiam as pessoas a agirem com respeito ao outro e senso do certo e errado. As relações entre os envolvidos (pesquisador e participante) precisam ser amparadas pela ética, para que não ocorra desconforto, danos físicos, psicológicos e anulação de privacidade. Sendo assim, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia pelo qual obtivemos aprovação sob parecer consubstanciado do CEP nº 5.578.243.

Para a participação da pesquisa, foi enviado um formulário (Termo de anuência), para os donos do curso “English In Action”, a professora e os alunos do nível 02 do curso, com as informações sobre os objetivos da pesquisa, seguindo todos as formalidades do conselho de ética, para que eles pudessem ler, assinar e responder se estivessem de acordo.

4. RESULTADO DA PESQUISA

Nesta seção, apresento o resultado da pesquisa baseado nas observações feitas durante as aulas do Intro 02, do curso “English Inaction”, ressaltando que o principal objetivo é a observação da (auto)percepção de aprendizes sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa ao considerar as experiências linguísticas desses aprendizes adultos, logo, de respeitar e considerar a carga linguística do indivíduo (sotaque nacional e regional na comunicação oral em inglês), as correções de pronúncias na busca de um padrão imposto pelas mídias, que mesmo entre os nativos não é unificado, impulsionando a busca pela comunicação sem cobranças excessivas, o que poderá acelerar o aprendizado.

Como nos diz Schutz (2008), o adulto já tem uma língua formada, por essa razão só consegue perceber e produzir sons consolidados da sua língua mãe, pois tem sons na língua inglesa que não são produzidos em português, visto que o português é abundante em combinações com vogais, já o inglês é rico em consoantes, o que determina a formação do aparelho fonador, sendo assim, aprender um novo idioma depois que as percepções da língua materna e as articulações fonéticas estão definidas requer muito esforço, com isso, a cobrança por uma pronúncia padrão imposta ao aprendiz adulto é uma tarefa impossível, e pode causar frustração, desmotivação, falta de confiança e desistência por achar que o problema está em si, que não consegue aprender o idioma, pois por mais que tente, a pronúncia não fica perfeita (de acordo com o padrão).

Destarte, foi feita uma pesquisa de observação indireta em 9 encontros on-line, contabilizando 18 aulas, além disso, foi aplicado um formulário misto com a possibilidade de responder nos horários mais favoráveis a cada participante, sem a minha presença. Todos os participantes que responderam o questionário misto são graduados em nível superior, um dos participantes é mestre. Acredito que as respostas dadas pelos participantes foram bem analisadas, refletidas e conscientes, visto que todos eles são bem instruídos e com nível superior. Além das experiências que cada um tem com a língua inglesa.

Contudo, dos sete observados no curso, três responderam o questionário misto, as aulas aconteceram nas terças e quintas-feiras das 18h 50 às 20h 30. No primeiro dia, a professora fez uma correção da atividade passada para casa **“Food”**, os alunos são muito participativos e sempre faziam perguntas sobre o que não entendiam, como estão no iniciante 02, alguns misturavam com a língua materna para não perder o ritmo da conversa, mas depois, sempre perguntavam **“How can I say this in english?”**, outros tentavam falar tudo em inglês e quando não sabiam, inventavam palavras só para não recorrer ao Português.

A professora, por sua vez, ao perceber isso, repetia a palavra correta para que eles percebessem e se autocorrigissem. Ela sempre fazia o mesmo quando eles pronunciavam as palavras de forma que atrapalhava a compreensão ou causavam ruídos na comunicação. Lembro que um dos alunos tentando dizer **“Fourteen”** e não lembrava como era, então disse, **“one and four together”**, com isso, podemos dizer que eles se sentiam confortáveis e confiantes em tentar se comunicar em inglês sem medo de cometer erros, levando em conta que o objetivo principal do idioma é a comunicação. Por isso, nas aulas seguintes, os alunos estavam sempre participativos e com autoconfiança para tentar se comunicar na língua alvo.

Em outra aula, a professora passou a música **“California King Bed by Rihanna”** com **gaps** e imagens para eles preencherem com as partes do corpo. Em seguida, a professora iniciou o assunto: **Sickness and Symptoms**, o que achei muito interessante já que a participação dos discentes foi intensa, pois eles associavam as doenças com as partes do corpo vistas na música introdutória do assunto. Quando eles ouviam **“Headache”**, rapidamente faziam a conexão com a música e já sabiam o que estava sendo dito.

Apesar de ter discentes de regiões diversas, e a forma de pronunciar algumas palavras com suas identidades culturais muito forte, eles conseguiam entender e serem entendidos, pois, a docente deixava eles bem à vontade e procurava incentivá-los com: **“Well done e congratulations”**, além de fazer perguntas para prolongar a prática de conversação. Ela também fazia correções quando havia erro na entonação como dito por alguns alunos **“Usuáli”** tentando pronunciar o advérbio **“Usually”**, a correção acontecia de forma sucinta, através de repetições, assim eles mesmos percebiam que a entonação estava errada e repetia o correto, ratificando com a professora.

Um das estratégias usadas pelos alunos que me chamou muito a atenção foi que ao misturar a língua materna com inglês para se comunicar, eles colocavam um sotaque na palavra dita em português com o intuito de não perder o ritmo da conversa e não se sentir falando na língua materna, uma das frases foi: **“How many linhas do I need?”**. Eles estavam se referindo às “linhas”.

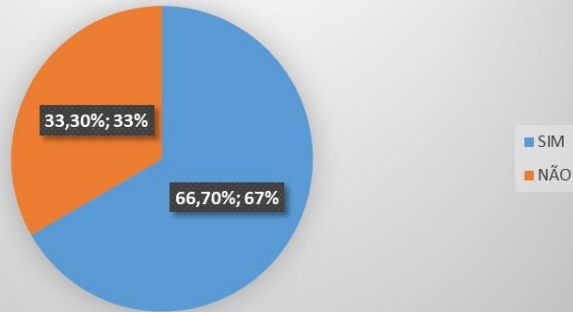
Esse tipo de estratégia, assim como outras apresentadas acima, deixam claro que eles se sentem falantes da língua inglesa e têm autoconfiança para falar, pois têm a consciência de que são aprendizes e os erros são necessários para que o aprendizado aconteça. Além disso, muitos vibravam nas dinâmicas e quando acertavam questões que os outros colegas não sabiam, havia uma competição saudável entre eles, o que na minha opinião, ajuda a acelerar o aprendizado, pois tem emoções positivas e fatores motivadores envolvidos.

Logo, podemos dizer que as três variáveis do filtro afetivo de Krashen (motivação, confiança e ansiedade) estão presentes de forma positiva, pois há auto confiança, motivação e baixa ansiedade nas atitudes dos aprendizes descritas acima, ou seja, o filtro afetivo não está alto, o que é favorável para a aquisição de uma L2.

De acordo com o questionário misto respondido, estou expondo as perguntas feitas e o percentual das respostas dadas:

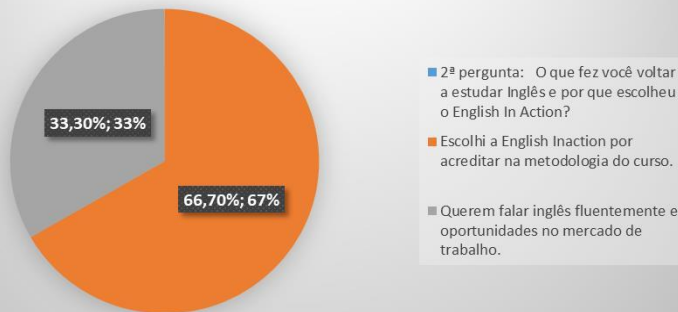
Uma das participante estudou por 3 anos, a maioria parou por motivos pessoais.

1ª pergunta: Você já estudou inglês em outro curso? Se sim, por quanto tempo e porquê parou?



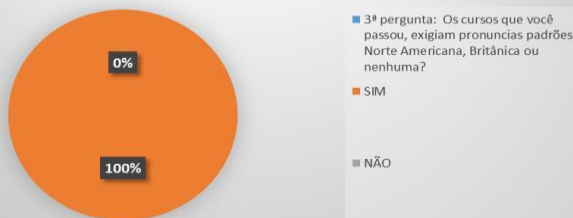
2ª pergunta: O que fez você voltar a estudar Inglês e por que escolheu o English In Action?

QUESTIONÁRIO SOBRE (AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.

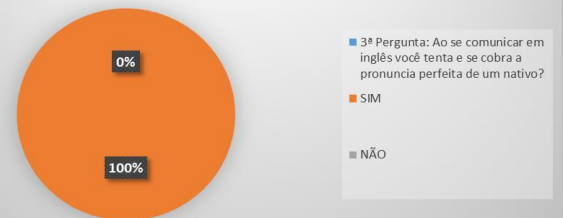


3ª pergunta: Ao se comunicar em inglês você tenta e se cobra a pronúncia perfeita de um nativo? Os cursos que você passou, exigiam pronúncias padrões Norte Americana, Britânica ou nenhuma?

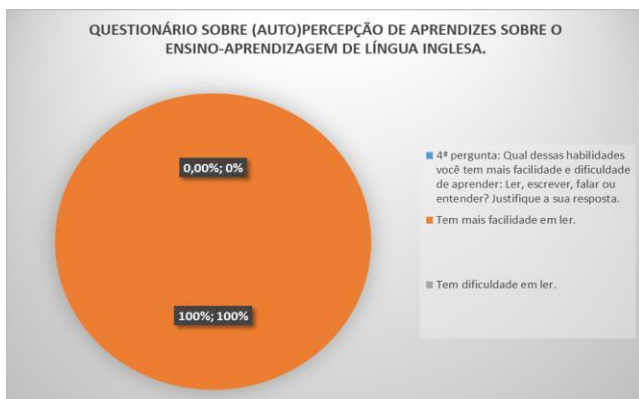
QUESTIONÁRIO SOBRE (AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.



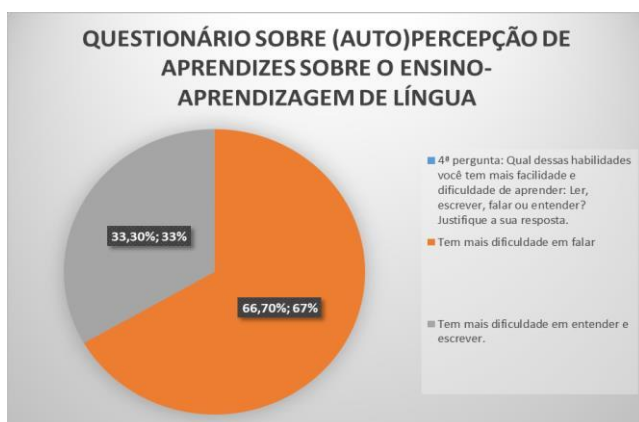
QUESTIONÁRIO SOBRE (AUTO)PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA.



4ª pergunta: Qual dessas habilidades você tem mais facilidade e dificuldade de aprender: Ler, escrever, falar ou entender? Justifique a sua resposta.

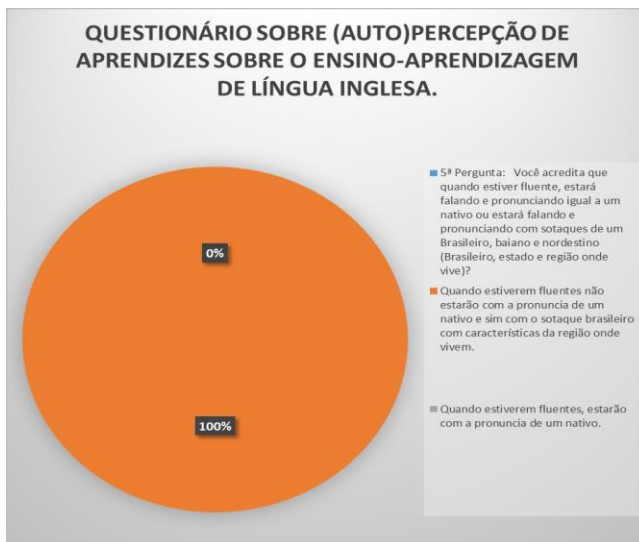


Justificativas: Por gostar de música em inglês, isso tem ajudado muito na expansão do conhecimento, tenho facilidade em ler qualquer artigo em inglês.

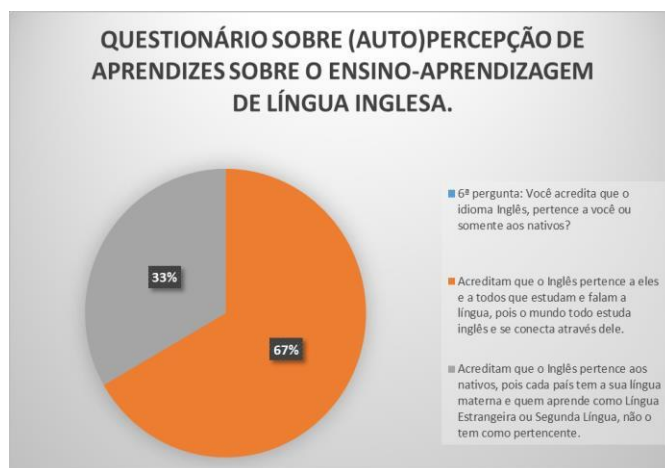


Justificativas: Entender alguém falando é difícil por ser muito rápido. Não teve justificativa com relação a fala

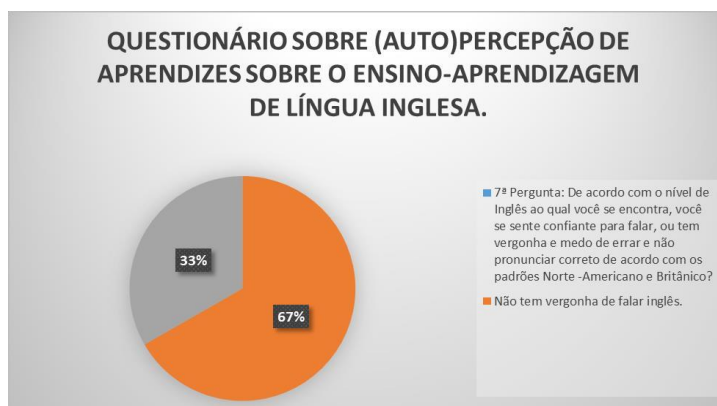
5ª pergunta: Você acredita que quando estiver fluente, estará falando e pronunciando igual a um nativo ou estará falando e pronunciando com sotaques de um Brasileiro, baiano e nordestino (Brasileiro, estado e região onde vive)?



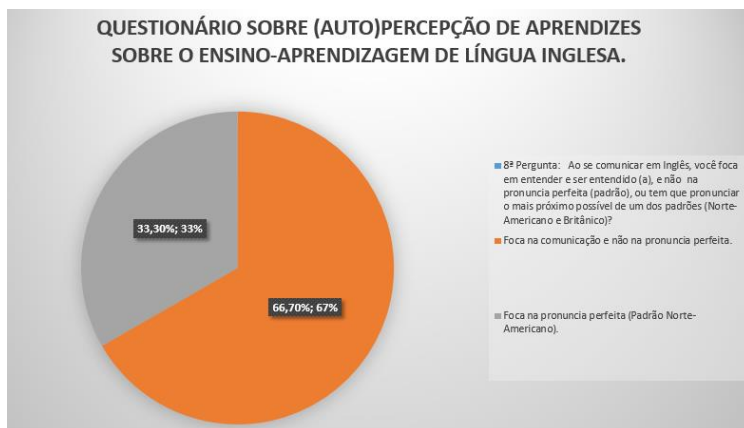
6ª pergunta: Você acredita que o idioma Inglês, pertence a você ou somente aos nativos?



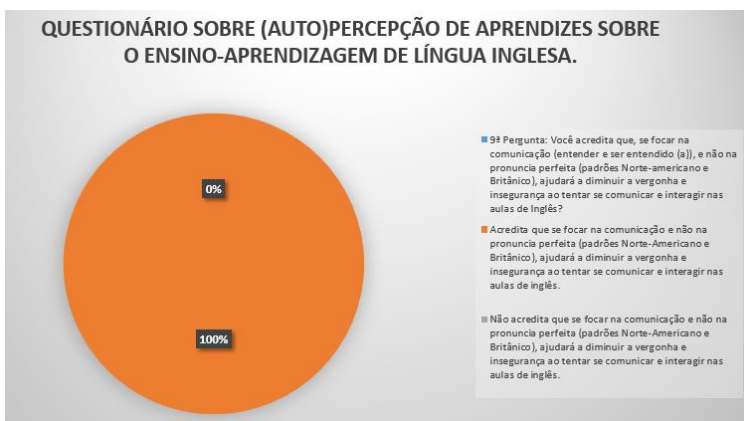
7ª pergunta: De acordo com o nível de Inglês ao qual você se encontra, você se sente confiante para falar, ou tem vergonha e medo de errar e não pronunciar correto de acordo com os padrões Norte -Americano e Britânico?



8ª pergunta: Ao se comunicar em Inglês, você foca em entender e ser entendido (a), e não na pronúncia perfeita (padrão), ou tem que pronunciar o mais próximo possível de um dos padrões (Norte-Americano e Britânico)?



9ª pergunta: Você acredita que, se focar na comunicação (entender e ser entendido (a)), e não na pronúncia perfeita (padrões Norte-americano e Britânico), ajudará a diminuir a vergonha e insegurança ao tentar se comunicar e interagir nas aulas de Inglês?



5 CONCLUSÃO

A partir das respostas dos participantes demonstradas nos gráficos e das observações feitas durante as aulas, foi verificado que a maioria dos alunos do **beginner** 02 já fez outros cursos de Inglês sem sucesso e desistiram por motivos pessoais, talvez por ter sido forçados a imitar um falante nativo, por frustração e por acreditarem que não conseguem falar inglês bem, já que a pronúncia padrão não acontecia, causando, assim, desânimo, falta de confiança e desistência. Entretanto, a maioria acredita na metodologia usada pela *English Inaction*, visto que a comunicação é o objetivo principal, e com isso eles se sentem mais confortáveis e confiantes para aprenderem com os erros e intensificando a interação, além disso, querem falar Inglês

fluyente para não perder oportunidades de trabalho com salários melhores, todos têm a consciência de que quando estiverem falando inglês fluyente não estarão pronunciando o inglês padrão imposto pelas mídias e sim com as características de suas experiências linguísticas e que isso ajudará a acelerar o aprendizado, visto que ajuda a diminuir a vergonha e a insegurança, aumentando a prática e interação nas aulas. Diferente dos cursos pelos quais passaram que exigiam a pronúncia Britânica ou Norte Americana, por esse motivo todos os alunos criaram a cultura de se cobrarem a pronúncia imposta pelas mídias e cursos de Inglês.

Ademais, de forma unânime, foi respondido que eles têm mais facilidade em ler, porém têm dificuldade em entender, pois de acordo com os alunos, as pessoas falam muito rápido. Acredito que a dificuldade em entender esteja ligado a prática e ao nível de proficiência que eles se encontram, o que por sua vez causa dificuldade em falar. Com relação a fluência, todos têm a consciência de que quando chegarem a fluência não estarão falando com um sotaque de um nativo e sim como um brasileiro, com sotaques da região onde vivem, pois todos já são adultos com o idioma mãe consolidado. Além do mais, a maioria deles vê o inglês como uma língua franca, falada por todos e não como uma língua pertencentes somente aos nativos.

Também, de acordo com os gráficos, mais da metade dos participantes se sentem confiantes para falar inglês e não têm medo de errar ou de não pronunciar como um nativo padrão Norte Americano ou Britânico, pois para eles, o mais importante é a comunicação, o entender e ser entendido, dessa forma, sentem menos vergonha de falar e aumenta interação durante as aulas, ajudando no aprendizado, o que realmente foi comprovado durante as aulas observadas, pois os aprendizes participaram muito, e não tinham medo de errar ou se expor a língua, visto que quando não sabiam a palavra em inglês, eles colocavam um sotaque na palavra em português, só para se sentir falantes da língua alvo.

Contudo, conclui-se que os alunos gostam e se sentem à vontade para interagir nas aulas do “English Inaction”, o qual usa uma mistura de metodologias, sobressaindo –se a metodologia ativa, visto que a professora sempre passa atividades de casa para eles buscarem e construir seus conhecimentos fora da sala de aula, além de colocar os alunos em pares (**Peer instruction**) na sala virtual chamada “**Blackout Room**” para eles discutirem um tema e se ajudarem, enquanto ela passeia pelas salas só para orientá-los e ajudá-los quando necessário. Além de promover momentos com (Gameficações), dinamizando e ajudando o aprendizado e a fixação do

vocabulário e expressões, também é usada a “Sala invertida” (**Flipped Classroom**), é passado atividades para casa e solicitado que o alunos estudem sobre um tema específico para na aula seguinte promover discursões entre eles, tornando-os protagonistas na construção do conhecimento.

De acordo com o exposto acima, pode-se dizer que, ao valorizar a experiência linguística do aprendiz, no ensino-aprendizagem se torna mais significativo, favorecendo a aquisição da língua, visto que a barreira desestimuladora da articulação vocal, com sons carregados de consoantes (Inglês), a qual difere dos sons produzidos pelo Português do Brasil, (Cheio de vogais), não será um empecilho, para aqueles que desejam alcançar a fluência no idioma. Porém, é preciso se perceber como falante do Inglês, e valorizar as suas próprias experiências linguísticas, as quais são carregadas de sotaques regionais e do país em que mora.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In; MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução a Linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.V.1.
- ALGEO, JOHN (1999). «Chapter 2:Vocabulary». In: Romaine, Suzanne. **Cambridge History of the English Language**. IV: 1776–1997 Cambridge University Press [S.l.] pp. 57–91.
- BERNS, M. **Entrevista - English as a lingua franca: a conversation with Margie Berns**. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S.; EL KADRI, M.S. (Ed.) *Inglês como lingual franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- CANAGARAJAH, A. Suresh. **Resisting linguistic imperialism in English teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- Cooper, D. R. & Schindler, P. S. (2003). **Métodos de pesquisa em administração** (7a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- CRANE, L. Ben, Edward Yeager and Randal L. Whitman. **An Introduction to Linguistics**. Boston: Little, Brown & Co., 1981.
- Estaria o sotaque de inglês 'refinado' ameaçado de extinção no Reino Unido?**. BBC News Brasil, 2016. Disponível em: <
https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160407_vert_fut_sotaque_nobre_extinto_fd
>Acessado em: 12/10/2021.
- Feiman-Nemser, S., & Floden, R. E. (1986). **The cultures of teaching**. In M. C. Wittrock (Ed.), *Handbook of Research on Teaching* (pp. 505-526). New York: Macmillan.
- Given, L. M. (2008). **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**, v.1. California: SAGE Publications.
- GRADDOL, David. *English next*. London: British Council, 2006. _____. **The future of English**. London: British Council, 1997.
- KRASHEN S. D. **Principles and Practice in Second language acquisition**. University of Southern California, 1982.
- KUMARAVADIVELU. Brasubramanian. The postmethod Condition: (E)merging Strategies for Sencond / Foreign Language Teaching. **TESOL Quarterly**, vol. 28, No. 1, Primavera de 1994.
- Mack, N., Woodson, C., Macqueen, K. M., Guest, G., & Namey, E. (2005). **Qualitative research methods: a data collector's field guide**. North Carolina: Family Health International.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 98 p.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998.

- MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PENNYCOOK, Alstair. **The cultural politics of English as an international language**. London: Longman, 1994.
- PRABHU, Nagore. There is no best method – why?. **TESOL quarterly**, vol. 24, No. 2. Verão de 1990. P. 161-176.
- RAMPAZZO, L. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2004.
- RICHTER, M. G. **Ensino do português e interatividade**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.
- SCHMITZ, John Robert. **O inglês como língua internacional, globalização e o futuro de outras línguas e culturas: uma reflexão**. Investigações, Recife, v. 17, n. 2, p. 223-242, jul. 2004.
- SCHUTZ, Ricardo. “**Assimilação natural x ensino formal**”, English Made in Brazil. <https://sk.com.br/sk-laxll.html>. Online. Acesso em 17.04.2022.
- Second Language Acquisition Psychological Factors, Affective/emotional factors**. Aldadis.net La revista de educación, 2006. Disponível em: < <http://www.aldadis.net/revista9/documentos/07.pdf> > Acessado em: 07/08/2023.
- SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- _____. **English as a lingua franca**. ELT Journal, n. 59(4), p. 339-341, 2005.
- TOM NESBIT, Simon Fraser University, Canada. **Cultures of teaching**. Adult research Conference; 2000, conference proceedings (Vancouver, BC. Canada).
- WIDDOWSON, H. G. - **ELF and the Pragmatics of Language Variation**. Palestra ministrada na 7th International Conference of Lingua Franca, Atenas, Grécia, 04 set. 2014.

LISTA DE APÊNDICES:

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO MISTO SOBRE A (AUTO) PERCEPÇÃO DE APRENDIZES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

1. Você já estudou inglês em outro curso? Se sim, por quanto tempo e porquê parou?

2. O que fez você voltar a estudar Inglês e por que escolheu o English In Action?

3. Ao se comunicar em inglês você tenta e se cobra a pronuncia perfeita de um nativo? Os cursos que você passou, exigiam pronuncias padrões Norte Americana, Britânica ou nenhuma?

Se cobra a pronuncia perfeita de um nativo:	Os cursos anteriores cobravam uma pronuncia padrão:
() Sim	() Norte Americana.
() Não	() Britânica.
	() Nenhuma.

4. Qual dessas habilidades você tem mais facilidade e dificuldade de aprender:

Dificuldade	Facilidade
() Ler	() Ler
() Escrever	() Escrever
() Falar	() Falar

<input type="checkbox"/> Entender	<input type="checkbox"/> Entender
-----------------------------------	-----------------------------------

Justifique a resposta:

Dificuldade:

Facilidade:

5. Você acredita que quando estiver fluente, estará falando e pronunciando igual a um nativo ou estará falando e pronunciando com sotaques de um Brasileiro, baiano e nordestino (Brasileiro, estado e região onde vive)?

Fluente	Fluente
<input type="checkbox"/> Falando e pronunciando igual um nativo.	<input type="checkbox"/> Falando e pronunciando com o sotaque brasileiro, do estado e região que moro.

6. Você acredita que o idioma Inglês, pertence a você ou somente aos nativos?

Não, o Inglês pertence aos nativos, pois cada país tem a sua língua materna e quem aprende como Língua Estrangeira ou Segunda Língua, não o tem como pertencente.

Sim, o Inglês pertence a mim e a todos que estudam e falam a língua, pois o mundo todo estuda inglês e se conecta através dela.

7. De acordo com o nível de Inglês ao qual você se encontra, você se sente confiante para falar, ou tem vergonha e medo de errar e não pronunciar correto de acordo com os padrões Norte -Americano e Britânico?

<input type="checkbox"/> Me sinto confiante.	<input type="checkbox"/> Tenho vergonha de falar.
<input type="checkbox"/> Não tenho vergonha de falar.	<input type="checkbox"/> Tenho medo de errar e pronunciar errado.

8. Ao se comunicar em Inglês, você foca em entender e ser entendido (a) acima da pronuncia perfeita (padrão), ou tem que pronunciar o mais próximo possível de um dos padrões (Norte-Americano e Britânico)?

<input type="checkbox"/> Foco na comunicação acima da pronuncia perfeita (padrão).	<input type="checkbox"/> Foco na pronuncia perfeita (padrão Norte-Americano).
	<input type="checkbox"/> Foco na pronuncia perfeita (padrão Britânico).

9. Você acredita que, se focar na comunicação (entender e ser entendido (a)), e não na pronuncia perfeita (padrões Norte-americano e Britânico), ajudará a diminuir a vergonha e insegurança ao tentar se comunicar e interagir nas aulas de Inglês?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------